



Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 228 PREÇO 1\$00

O ÓBULO DA VIÚVA

Naquele tempo era a festa da páscoa dos judeus e muitos entravam no templo, deixando cair suas esmolas nas caixas que ali estavam. Acontece que estando o Senhor ali ao pé de uma mulher pobre e viúva, deita um quadrante, que era, ao tempo, a moeda mais pequenina. Outros, noutras caixas, davam muito das suas sobras. Era um dia de grandes multidões. O Senhor, que vê tudo no singular, chama a atenção dos seus mais próximos e ensina-lhes que ela, a viúva, por ter dado o que necessitava, foi justamente a pessoa que mais deu. Temos aqui uma canonicização. Esta pequenina oferta, mereceu o reparo do Mestre! Ele chama-lhe grande. Ora foi justamente baseado nesta grandeza que eu preguei por África a *Campanha das Migalhas* e disse mal do mundo. O mundo que festeja as

sobras do *brasileiro* com a imprensa e o retrato e a comenda. Aqui há tempos, na multidão dos visitantes, veio uma mulher do povo, quase andrajosa. Retira um lenço da trincha da saia. Desata a ponta. Eram quatro moedas de tostão. É o quadrante! O óbulo da viúva! *Tome prós seus meninos*. E desaparece na multidão. Não é preciso agora a presença do Senhor. Ele esteve e disse *naquele tempo*. Então como hoje, vale. Aquela mulher foi quem deu mais naquele dia e tantos deram tanto!

Em uma das últimas entregas de casas do *Património*, eu vi numa delas, sobre o tráfogueiro, um ovo solitário. Tinha sido de uma vizinha, tão pobre como o feliz habitante. Não tinha mais nada e precisava do ovo que ofereceu! Foi ela quem deu mais. Nós devemos erguer estas grandes ofertas. Dar-lhes o valor que o Mestre deu. Fazê-las benção das nossas obras, se na verdade as quisermos cristãs. Senhor, que eu veja sempre nesta luz e tome por única a vossa doutrina!

Migalhas! Logo à saída da estação de Lourenço Marques, alguém, pobre, deu-me um tejo por não ter mais nada! Em cima, Ressaño Garcia, mal piso terra portuguesa, é um desconhecido que me oferece uma pequenina migalha. As numerosas e intermináveis subscrições de Lourenço Marques, são feitas de *quadrantes*. Citá-las? Impossível! Firms portuguesas e estrangeiras. Capitania. Bancos. Repartições Públicas. Pessoal dos hotéis. Colégios. Anónimos. Por carta. Por mão. Nas ruas. Dos arredores. O Nolasco, que foi seminarista em Coimbra, manda um colega do Bilene, já noite, com nove contos e quê, de migalhas. Uma vez era meia noite, quando alguém bate à porta do nosso quarto. Júlio foi ver. Um senhor entrega trinta contos de migalhas e desaparece! Era meia-noite! E agora os presos da cadeia:

«Os presos da Cadeia Civil desta cidade, talvez sejam aqueles que mais apreciam e admiram a meritória obra a favor dos rapazes da rua.

Nós os presos da Cadeia de Lourenço Marques, queremos dar umas migalhas para pôr na sua capa».

Os da cidade da Beira dizem:

«Em nome de dois presos que se encontram presos na Cadeia Civil da Beira pedimos antecipadamente desculpa de não termos contribuído na altura da sua amá-

vel visita que bastante nos comoveu motivo este porque não estávamos prevenidos da referida visita.

Junto enviamos estas pequenas importâncias, as quais são as que estão dentro das nossas possibilidades que com grande prazer e maior honra concorreremos para a sua obra».

E as jóias que alguns arrancam, e os pequeninos mealheiros, e as libras arrecadadas e prendas de casamento? Quadrantes!

E que dizer de um *humilde operário casado e pai*. É da Rodésia que ele escreve para a Beira, à sorte, e toda a sua carta é uma saudade, feita de migalhas!

É uma chuva miudinha em Lourenço Marques. Xai-Xai faz torrente. Inhambane chove. Beira não se fala! Aqui, as *casas*, são entregues por trabalhadores dos guindastes do porto, Pessoal do Porto da Beira, Casas e Firms Comerciais, Missão da Mangá, Juiz Delegado e Oficiais de Justiça da Comarca, e mais e mais e mais! Lêm-se subscrições com 250 nomes e outras a passar. Quadrantes! É o Evangelho. Filiados da Mocidade Portuguesa, andam nas ruas com uma camionete e já chegaram a Lisboa uns 16 caixotes, fora 20 contos que lá nos entregaram. Fala-se em remessas de toros de madeira para a construção de casas do *Património*! O Hotel Savoy, aonde me receberam, foi local de peregrinações, como fora o Cardoso em Lourenço Marques. Davam com lágrimas de alegria! No Luabo da mesma sorte. Quelimane não fica atrás. Moçambique fez cachão! Também aqui os mahometanos e outros da Ásia, querem ser portugueses e amam a causa do *Património dos Pobres*. Eles mesmo dizem ao entregar suas ofertas:

«A sua visita a esta Província servirá de exemplo aos vindouros, de que é sempre necessária uma luz que encaminhe os nossos passos e venha iluminar milhares de corações que vivem por aqui. No estado em que o Mundo se encontra hoje, cheio de miséria e desasoscego, receios e ódios, surgiu alguém pregando igualdade entre a Humanidade, sem distinção de raças e cores, visto que todos somos filhos do mesmo Pai, indubitavelmente, prova ao mundo que, um Homem guiado pelos sagrados princípios cristãos é capaz de fazer para os seus semelhantes através dos seus próprios esforços e

sacrifícios, atingindo por vezes, o inconcebível. Deus é Grande e ajuda aqueles que fazem bem. V. é um exemplo flagrante para o Mundo.

A Comunidade Ismailia, integrada como esta na vida social e económica desta generosa Terra Portuguesa, felicita V. e deseja com toda a sua alma, muitas felicidades, muitas prosperidades e todo o sucesso na Sua Nobre Missão.

A nova geração da nossa comunidade que aqui nasceu e que estão sendo criados como verdadeiros portugueses ouvem e sentem o bater dos corações dos seus compatriotas de Portugal, que precisam de ajuda. Nunca podiam deixar de passar esta ocasião sem mandar uma pequena lembrança para eles; e assim, tomo a liberdade de oferecer, em nome de toda a Comunidade, a quantia de doze mil escudos que se destinam para fazer uma casa para o *Património dos Pobres*».

Em Joanesburgo, não quis esperar por uma reunião da colónia portuguesa, mas já assim não foi em Leopoldville, aonde todos estavam. Os do interior, por não poderem vir, mandavam recado. Eram cartas esplendidas e humedecidas...! Uma vez atravessado o Zaire, tivemos Brazaville à vista, aonde a pequenina colónia portuguesa, disse ser grande no génio de dar. Depois Luanda. Por último Luanda. Não fui a mais nenhuma terra da Província de Angola e com que mágoa o digo! Tal como noutras cidades, o povo de Luanda disse que sim.

UMA CARTA

«Conheço de perto a Obra da Rua, visto-a no mais íntimo de mim. Ao passar pela porta da «Casa do Gaiato», as lágrimas saltaram-se. Mistério ligado ao mundo belo que se descortina no âmago dos corações desses rapazes, mundo que repousa latente pelas valetas e becos.

Sou uma rapariga, e adoro a minha idade e a minha época. Desde há muito que ecoa em mim a revolta do tal lixo que a sociedade manda sacudir com as vassouras: não o fazendo ela própria com medo de empoeirar-se. A rapariga que cai lá muito pró fundo sem ninguém lhe deitar a mão, o rapaz que faz da sua vida uma ascensão para o mal, a mulher perdida, o homem vicioso, pesam no meu coração e obrigam-no a dilatar-se para lá caberem todos.

Nunca me atreveria a julgar qualquer dos casos que citei, pela simples razão de ter uma cama, um lindo quarto, comida, doce e fruta à fartura, de ser membro da J. E. C. F. e da M. P. F., educanda dum bom colégio, membro também dum família cristã e pecar, cair como os outros. Julgar um infeliz, sem pão, sem casa, sem família, reduzido a uma condição de animal! E quem julgará essa sociedade que em lugar de se inclinar e estender a mão ao sossobrado dizendo-lhe: Vem. Tu peaste, mas no meu coração há amor e piedade para te ajudar... Tapa os olhos e põe o pé sobre o abismo dizendo: Desce, vai lá para o fundo porque me metes nojo! Pai Américo, outro dia dizia no seu jornal, que não desaparecera ainda a mulher forte da Escritura. Tem razão; ela, essa mulher, vive em cada jovem para quem a vida é sinónimo de luta pelo Bem e pela Justiça. Um vento grande varre a nossa juventude. Eu penso que as forças do mal nada podem contra um jovem que sabe crer. E termino pedindo-lhe a sua benção para mim e para aqueles que sofrem com o lixo das ruas. Cristãos ou não, são almas que lutam, num crescendo de entusiasmo e vida. Aos «batatas», esse belo ornamento da sua obra, um grande beijo de amor.»

Um grande beijo de amor, manda esta formosa Rapariga aos nossos «batatas». Outro, maior ainda, lhe devemos todos nós, pela luz das suas afirmações.

O Nosso Livro

Já chovem pedidos de *O Barrado*. Lá vamos. Está tudo a andar. Júlio trouxe-me aqui ao escritório o primeiro exemplar. Eu abro, dedilho e dei fé dum grande bota: o prefácio está repetido na derradeira página! Mandei chamar imediatamente o Senhor Júlio Mendes. Mostro-lhe a bota. Ele confessa que com as andanças por África, perdeu o fio, daí o engano. E temos o livro na rua com duas portas iguais; uma por onde se entra, outra por onde se sai. De muitas originalidades que o livro oferece, esta não é a mais pequena. Isto é a Casa do Gaiato.

NOTA DA QUINZENA

Eu já o tinha visto, mas fiz de conta que não e caminhei em direcção à mata, ver as obras que ali trazemos. É um arroteamento. É uma conquista de terreno até aqui improdutivo para mais tarde produzir. Que ele, a bem dizer, já está a produzir... O homem que eu tinha visto, por me não ver parar, segue-me. As tantas volto-me. Era um sujeito novo, quase andrajoso. Barba de muitas semanas. Cabelo por cima das orelhas. Nem pente, nem sabão, nem gosto, nem amor, nem nada! O homem queria trabalho. Pedeme trabalho. Eu entro em perguntar. *Que não*, responde ele. Na sua terra ninguém dá que fazer. Raras vezes encontra três dias na semana, mas agora, nem isso. Ele tem dois filhos; um de cinco e outro de três. Ele é muito magro. Apresenta-se triste. Estávamos ali os dois debaixo duma laranjeira, aonde os frutos são tantos como as folhas! Olhei para aquela maravilha e meditei na exuberância dos dons de Deus!... O homem, de onde estava, via muitos deles a trabalhar. E reno-

va. Torna a pedir. *Ninguém me dá trabalho e a gente anda-se a encher de fome*, foram as suas últimas palavras.

Olhando bem as coisas, eu estava em frente dum chefe de família cristãmente constituída e com a responsabilidade de manter e criar os seus. Ele não declina nem foge a esse direito, tanto que vem procurar os meios de o exercer. Vem de cinco quilómetros de distância depois de ter feito o mesmo noutros sítios e a outras pessoas; *eu tenho andado por lá a pedir trabalho*. Ora a sua grande tristeza, embora ele não dê fé, procede justamente da sua nobre qualidade de pai. Do seu poder de criar os filhos e não encontrar os meios para isso. Ele não se queixa. Ele não sabe queixar-se... Daí o declarar-me que se anda a encher de fome. Mas a fome é uma negação. A fome não enche. Ele anda a encher-se mas é de muita resignação do dia de hoje e esperança no de amanhã. Além disto não passa. Nós é que devíamos passar, ir ao seu encontro, garantir, respeitar o seu casamento...

No dia seguinte, eram 8 horas quando eu apareço na mata. Além de muitos que já estavam, vejo agora mais um homem a trabalhar; e ali mesmo à luz do sol e sem ninguém dar por ela, quis Deus que eu recebesse a benção dum trabalhador!

Ganha catorze escudos. A semana inteira dá-lhe para um alqueire de pão e para o azeite. A mulher não lhe traz o caldo ao meio-dia, por ser longe. Ele remedeia-se e à noite, chegado a casa, comem todos a ceia. Ele, a sua mulher e os dois filhos. Hoje exerce a sua paternidade. Parte o pão aos seus filhos. Eu já gostava muito das obras que trazemos na mata, mas agora muito mais!

Por várias vezes lhes tenho cantado hinos de alegria. Hoje é um de amor. Por amor de Deus as sustento. Por amor de Deus ali mantemos muitas famílias. Por amor de Deus se abriu a porta a mais um que se andava a encher de fome. Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Depois de uma das nossas reuniões semanais fui ter com o nosso Pai Américo, pedir roupas. Roupas para os nossos Pobres. O "Armaxém" está esgotado, disse-me uma das nossas Senhoras, de tal maneira, que não há uma peça de roupa para satisfazer a penúria dos Pobres! E o Pai Américo incitou-me a fazer barulho no jornal. E eu cá estou. O frio a apertar e os nossos Pobres cheinhos dele. Têm a palavra os leitores do "Desordeiro" quinzenal. Vamos a ver.

— De Matozinhos recebemos 20\$. Outro tanto de algures para a Conferência da Aldeia. Da linda praia da Figueira da Foz vieram trinta escudos. Uma Barcelense com 100\$00. Uma Alentejana com outros. E por fim para os Pobres da Conferência vinte escudos. Mais nada.

JÚLIO MENDES



Aqui, LISBOA!

DE PADRE ADRIANO

Quem nos visita sente-se ainda dominado por uma dolorosa sensação proveniente das ruínas que nos rodeiam. Igreja, arcaria, chafariz, etc. são as grandes testemunhas de acusação dos homens de tempos não remotos. Muitos nos perguntam como é que estamos a construir casas para pobres, quando está ainda tanta coisa por fazer.

É que se não dá fé doutras ruínas que foram a origem das que os nossos olhos contemplam. Essas é que importa restaurar primeiramente.

Nestes últimos domingos, enquanto dou graças depois da missa, sou esperado impacientemente por uma chusma de batatas que em tropel me acompanham a tomar o café e me perseguem com a pergunta insistente: vamos dar a volta? Ir dar a volta é entrar em tolas as casas de gente pobre, à laia de visita pascal. Bastou visitar a primeira para ser chamado a toda a parte.

— Venha ver onde vivemos! Livre-nos deste inferno. Somos, neste compartimento: três mulheres, dois homens e três crianças. O senhor não calcula, o senhor não faz ideia. Meu senhor livre-nos deste inferno.

É para reduzir o número destes infernos, que andam para a frente as casas do Património.

Na ausência do nosso Pai Américo o Pedro escreveu-me uma carta para Paço de Sousa, nestes termos: «pretendo casar-me, mas não quero, de maneira nenhuma, ir viver para um curral como esta gente daqui. Faça-me uma casa».

O nosso arquitecto deu o risco; a Câmara deu o terreno e aprovou; Padre Américo sancionou e nós cá andamos a braços com mais um prédio.

É mais uma inovação da Obra e nova machadada nas velhas instituições oficiais. O Rapaz não vai para a rua aos dezoito anos, mas está em família e é da família até que tenha maturidade suficiente para sair a constituir a sua família na casa que lhe é dada. Qual o pai ou mãe que não quere dar ao seu filho ou filha esta última consolação?

A Obra é mãe. A Obra quer dar aos filhos a possibilidade e a alegria de virem a ser bons pais.

Ficou, mais uma vez, para trás a igreja e outras monstruosas ruínas, mas salve-se um Rapaz, salve-se uma família.

É uma revolução em marcha!

Outubro foi um mês pobre. Compreende-se: as férias deixam muita gente esgotada. Novembro

vai mais animado. Depois virá o Natal e com ele, melhores dias.

Quem não teve férias, foram os Empregados da Vacuum, pois conseguiram depositar em Outubro 1 050\$ e mais 1.235\$. A Empresa contribue com 40 litros de gasolina mensal. Não chega, mas é uma ajuda.

Do Registo Predial 50; duma Figueirense 40 e abafos que já lembram o inverno. E nós com mais uma casa a mobilar... Nem cobertores, nem toalhas, nem lençóis, nem colchas... Quem nos acode?

Duma senhora muito conhecida nas nossas casa. 500. Ela nunca sabe entrar aqui por menos. É um bilhete caro. Da Nestlé, 176\$; da Rua do Arco Cego 100 e um colchão. Dum Senhor Alentejano vieram 200 por alma de pessoa de família e 120 de uma assinante assídua; 20 do Júlio, Milú e Janito pela conversão do Paizinho. Roupas, livros e um triciclo dum bebé que hoje é um homem. Mais sarilhos entre o Zeca e restantes «batatas»!

Fatos em bom uso e 100\$; mais roupas, um guarda-chuva e um corte novo muito cobiçado, 120 da Av. Almirante Reis, 50 de uma desconhecida; em carta 40, 200 para os Pobres; 100, mais cem, dum senhor que entra por aí dentro e sai sem dizer quem é, 1.500\$ duma sessão cinematográfica em Parede onde correu o Filme «28 de Maio» e o nosso documentário, tudo organizado e carinhosamente entregue pelo protagonista daquele filme.

Mais uma visita de «Os Carlos», no dia de S. Carlos, com rebuscados e revistas. Um envelope com 100, e muitos visitantes que não conseguem esconder a agradável surpresa que é, para eles, a descoberta desta Casa. É de facto, para admirar, que haja ainda em Lisboa, apesar do muito que se tem dito e escrito à volta desta Casa, quem não tenha conhecimento dela. Mais 120, 50, 700, 500 e 100 e 30 Meçambicanos e roupas e revistas e doces dos visitantes. Mais o costume do almoço para todos, no dia de Todos os Santos; um grande saco de castanhas para o dia de S. Martinho, e vários quilos de carne de bons vizinhos. Uma camisola, um cobertor para os Pobres; 100 para o Património, por alma dum António que Deus chamou, e por Uma Beatriz que acompanhou nas bodas de ouro. A habitual carrada no Montepio e mais depósitos, apesar da ausência da Senhora D. Irene Cascais a quem desejamos rápidas melhoras. Para uma telha do Património 100, e 150 de Parede, e, finalmente, uma aliança de casamento de um que foi grande admirador da Obra da Rua.

Património dos Pobres

Esteve aqui ontem um visitante na companhia de sua mulher. Os dois quiseram ir ver pessoalmente uma das casas do Património. Conversaram com o seu habitante. Inteiraram-se. Levaram de cá toda a documentação. O resto já vinha com eles. A luz estava-lhes na alma. Foi mesmo aquela que os trouxe cá. Não temos herdeiros e vamos fazer casas. Eis a expressão da luz.

Daqui a erguer e entregar ao pároco da sua freguesia, vai mui pouca distância.

Tomar, se ainda não começou, tudo se encaminha para que em breve comece. Da ridente Vila da Lousã, dizemos a mesma coisa. E S. Martinho do Bispo, ao pé de Coimbra, começa a incendiar-se. Isto por hoje.

Ninguém tenha dúvidas acerca do éxito. Se há um ou outro que ainda não compreenderam, a sua hora chegará. Se preguiçoso ou preguiçosos, a onda dos fervorosos arrasta-os. O cataclismo vai dar-se. As montanhas vão cair no mar...!

Muitos Bairros se têm construído e estão actualmente construindo. Outra finalidade. Outros regulamentos. Outros habitantes. O nosso sistema é diferente. Nós construímos e entregamos imediatamente. Não se pede renda. Dá-se ao pobre o uso e gozo da sua casa. Bairros dos poderes públicos; bairros de particulares; casinhas para pobres segundo o Património. Tudo é preciso. Tudo faz falta. Todos somos poucos ao serviço de muitos que precisam. A falta de casas é o maior desespero da época. Enquanto este mal não for resolvido, não nos podemos chamar com verdade poderosos e civilizados.

AO MICROFONE

Tribuna de Coimbra

Uma vez que R. Clube de Angola coloca à minha disposição os seus serviços, eu sinto-me na obrigação de aceitar e de me comunicar a todos os seus ouvintes que porventura, a esta hora, estejam à espera. Sim. Desejo comunicar-me. Falar das minhas experiências. Da certeza e do progresso infalível de uma Obra social, baseada unicamente na pobreza. Esta Obra é aquela a que me venho dando. É a Obra da Rua. Ela é totalmente fundada no espírito de pobreza evangélica. Nós somos pobres. Os «Padres da Rua» são mendicantes. Enquanto eu aqui peço, os meus colegas em Portugal e neste momento, também o fazem nos hotéis e nas praias de maior concorrência. Nós somos uma afirmação viva e já realizada de quanto pode no mundo um homem dominado pelo espírito de pobreza; altíssima pobreza do Evangelho. A dama que Francisco de Assis desposou. Este o fundamento. Esta a sua incomensurável riqueza. É sabido que nos dias da Igreja nascente, os primeiros apóstolos diziam aos men-

digos e aos coxos, que não traziam ouro nem prata, mas que em nome de Jesus Cristo se puzessem a caminhar. Hoje é esta, ainda, a palavra da Ressurreição. Quantos coxos! Quantos mudos! Quantos cegos! Quantos mortos não têm ressuscitado para a vida desde que se implantou esta Obra nacional, que no peito me nasceu—quantos! Porque? Por via do seu espírito de pobreza. É preciso quem se levante e quem se insurja e quem diga mal do deus milhão e do seu reino de baixaza. Cristo Jesus foi o Homem que mais mal disse do mundo —e este Homem é Deus. Deus verdadeiro. Ele é a imagem viva e substancial do Pai Celeste.

Nós afirmamos o que dizemos. Nós somos testemunhas de cada hora, dos prodígios desta doutrina. Nós não dissemos nunca a ninguém como e de quem recebemos somas espantosas; recebemos e distribuímos que esta é justamente a missão divina duma Obra que tem raízes no mundo e a alma no céu. Quantos rapazes libertados das grilhetas do vício! Quantos pobres remediados dentro do seu tugúrio! Quantas casinhas formosas que se levantam aqui e além por Portugal fora, aonde eles estão já vivendo e outros esperam viver! Quantas palavras de conforto. Quanta luz e até mesmo, fora da área dos pobres, quanta esperança armazenada no coração de quem de nós não precisa! E que nós somos hoje a esperança. Todos os olhos nos seguem. Todos os corações nos querem. O mundo português está suspenso na nossa Obra. Porque? Porque pobres. Pobres de Cristo ao serviço de Cristo. Não adoramos senão a Ele. Não nos vergamos, nem queremos conversas, nem assinamos contractos com o deus milhão. A história do mundo está cheia dos males causados na alma e até na fazenda; nos homens e nas famílias e nas nações devido ao império do dinheiro. Pois se ele é a corrupção! E se vamos para a história da Igreja a desgraça é muito maior. Porque a corrupção do ótimo é péssima. Sempre que a Igreja sai da Pobreza, diminui-se. As grandes ordens monásticas dão disso testemunho; aonde e quando o clero é pobre, a vida cristã é de ouro. Sim. Eu venho aqui dizer mal à cidade de Luanda. Eu venho aqui dizer mal ao império português. Digo mal a todo o mundo e com isto não faço mais do que ser discípulo do Mestre. Eu amo a pobreza. Eu amo os pobres. Eu amo tudo quanto é pequenino e fujo dos colossos. Assim comecei. Tenho chegado até aqui afirmando e vivendo e espero em Deus chegar ao fim no mesmo estado de espírito. Assim se canta vitória.

Nós não aceitamos heranças e poderamos fazê-lo, porquanto a nossa Obra é oficialmente acreditada. Mas não. Não aceitamos. Outro cântico de vitória

Muitos não compreendem isto de não receber heranças porquanto, dizem, por meio delas, poderíamos fazer mais e melhor. Enganol Isto é contra o espírito de pobreza. Isto seria entesourar na terra e estar sujeito às cobiças, aos desvios, às sindicâncias e a toda a sorte de intromissões. Isto de possuir reservas, segundo a economia do mundo, seria o mesmo que tirar aos meus sucessores a coragem e a beleza do heroísmo. Se eles tivessem dinheiro em cofre, não sairiam

Vamos com este dar um grande passeio e estudar um pouco de geografia.

Principiemos pelo Porto. É dali a raiz de Portugal. Fizemos lá uma grande encomenda de ferro para a nossa casa nova e, não sei como, não foi necessário pagar a factura. Eram quase nove contos. Quanto eu gemi até saber de tão boa notícia! E uma excursão deixou uma caixa de bolos e uma carta com duzentos a dizer: *para a casa-mãe da Obra da Rua do grupo dos amigos do Senhor da Bela-Vista—Bonfim—Porto*; sessenta dum semestre para a Conferência; e cento e vinte para os pobres da Tribuna; e duas gramáticas.

Passamos por Oliveira de Aze-meis e visitamos uma amiga que nos visitou com 50\$ a pedir uma missa.

Demos a volta por Aveiro e entramos a visitar as grandes Fábricas Aleluia que nos ofereceram quatro belos painéis em azulejo para as casas do Património.

Sigamos pela beira-mar além Mira encontramos cem e um pacote de roupas. Uma vez em Mira vamos almoçar à Praia e na hora de contas o dono da pensão diz que é oferta dum seu assinante. É era mesmo. Que grande almoço ele nos quis apresentar. No fim, um sacerdote apaixonado chama os gaiatos premiados pela venda e vai com eles receber assinaturas e chegaram com muitos centos.

Dali tomamos a estrada da Figueira. Lá temos, além doutros, um senhor Doutor muito nosso amigo que depois de dar hospedagem sempre aos nossos vendedores, agora deu cem por alma de seu pai que tanto amava. E na pensão Esplanada um senhor deixou 121\$00.

Sigamos em direcção a Coimbra e demoremos um pouco. Uma figueirense com 40\$ e mais 20\$; e outros vinte; e a Confraria da Rainha Santa com 50\$; e lavagem e lubrificação do automóvel, de graça; cinco cadeiras e azeite; mais vinte; um relógio de pulso. Foi para o chefe do Lar; mas o ajudante dele, que é estudante, ficou a aguar. Quem lhe tira o aguado? Roupas usadas. Quem dera que eu pudesse citar muitas encomendas de roupas! Batem-nos tantos à porta e têm de ir com as mãos vazias e nós além de ficarmos com ela na mesma, ficamos com mais uma ferida no coração. É o inverno. Mandem-nos roupas usadas. Sapatos para um gaiato; cem duma promessa ao Padre Cruz; 20\$ da mãe dum sacerdote; 10\$ duma promessa; 70\$ no Hospital; casacos; livros usados e papéis; cem na igreja de Santo António; o mesmo para uma missa por alma dos meus mortos; visitantes com 20\$; livros usados; um sr. Doutor Especialista que me

tirou a cera e no fim ainda me gratificou bem com dinheiro e com remédios. Nós fazemos tudo ao contrário da outra gente! E um Senhor que nos está sempre a dar mandou-nos agora uma camioneta de azulejos e mosaicos no valor de quatro contos e a factura dizia oferta.

Deixemos Coimbra e vamos até Miranda. Como é aqui a Casa-Mãe, a demora é maior, quer pelo correio, quer pessoalmente. Começa o sr. Doutor muito aqui repetido desde o princípio com oitenta e dois alqueires de milho e dois de feijão. Nós fomos o depósito das suas rendas. Castanhas da mãe de Tábuas; vinte de visitantes; cinquenta dum sr. muito nosso amigo; visitantes com 73\$; outros com cinco; mais com dez; ainda deles com setenta; e 37\$50 do mesmo modo; um sacerdote que passou deu vinte a um gaiato; pessoas que cá vieram deixaram 22\$50; outras 25\$00; mais vinte; quarenta a pedir uma missa por alma dum filho; Deus lho aceite. Dois livrinhos duma *amiguinha de Vila Nova*; visitantes com 10\$; e outros com vinte; mais com 120\$.

Vamos até à Lousã. É um sr. Magistrado que agradece a hospedagem que dá aos nossos vendedores e entrega cem.

Subamos até à Pampilhosa da Serra e encontramos ali um benfeitor com oitenta; e mais cem para matar a fome da mãe dos oito filhos.

Sigamos pela estrada até Castelo Branco e encontramos ali vinte.

Descemos até Abrantes e tomamos um vale de cem. Demos uma volta por Ferreira do Zezere e visitemos quem nos visitou com livros escolares e cinquenta. Vamos até Alquerubim (que não sei bem onde fica) e temos ali duzentos para os pobres da Tribuna.

Depois vem o Ribatejo com cinquenta para a dos oito filhos e cheguemos a Lisboa. Aqui devemos encontrar um casal que veio entregar um pequeno óbulo de duas notas de conto; e visitantes com cem; e material escolar para o cronista.

Continuemos para o sul até Lagoa do Algarve donde nos vieram muitos retalhos de chita. Por aqui perto ninguém ouviu, mas o som chegou ao Algarve. Bem-aventurados os que ouvem!

Deixemos o continente e vamos até ao Lobito do nosso Ultramar. Há ali o Colégio Pedro Nunes que nos enviou um cheque de mil e cinquenta.

Atravessemos o Atlântico e desembarquemos no Brasil a visitar quem nos veio ver com 88\$00.

Quem nos acompanhar nesta viagem louve eternamente a Misericórdia do Senhor!

PADRE HORACIO

OUTRO PEDIDO

Estando eu ontem à noite no chamado meu escritório, eis que entram pela porta dentro os vicentinos, que tinham justamente acabado a sua reunião. Eles são doze e todos me vinham pedir a mesma coisa; cobertores. Eles querem cobertores para o frio dos seus pobres. E nomeiam. E relatam. É o mantas de tiras, disse-me o Fernando Preta falando do seu pobre. E todos afinam por aqui.

Em primeiro lugar, eu louvo o meu Deus e Senhor por dar a estes rapazes um bocadinho de dor. Em segundo lugar, eu afirmo mais uma vez que a nossa Obra vive da amizade dos nossos verdadeiros amigos; e que nós temos necessidade de socorrer, com aquela dor, mais e mais pobres. Eles são as melhores testemunhas. Nenhum como eles nos defende. Em terceiro lugar, nós precisamos de participantes neste belo movimento social, que tem janelas para a eternidade. Por isso, vamos aqui reviver o prego de João de Deus: *Salvai as vossas almas. Não acho nem sei de outra maneira de pedir que seja mais cristã do que esta. Se algum dos meus leitores a compreende e pode, certo é dar-se o milagre. E na volta, quer no Depósito do Porto, quer aqui em Paço de Sousa, nós vamos ter cobertores Novos ou usados não importa; o que é preciso é guardar o frio a esta gente. Tudo se cifra em alegria; alegria Cristã. Primeiro de quem dá. Segundo destes meus rapazes que vão distribuir. E finalmente de quem recebe.*

Um pedido DE OCASIÃO

É flanela.

Pecas, retalhos, o que e como poder ser. Qualquer cor. Nós vamos procurar na volta, ao 54 dos Clérigos. Vem lá o frio. Esperamos.

nun a a mendigar, nem teriam a oportunidade de dar ao mundo testemunho de Cristo Não. Não queremos. Rejeitamos absolutamente quaisquer bens de mão morta. Nós pregamos a vida e a ressurreição e deixamos a morte com os mortos.

Todos os meses nos reunimos em Portugal; umas vezes é no Porto, outras em Coimbra, outras em Lisboa. Os meus colegas e eu reu-

(CONTINUA NA 4.ª COL. DA PAG. SEGUINTE)

Crónicas de Africa

Foi na última semana do mês de Agosto que nós resolvemos partir para a cidade de Lourenço Marques, via Johannesburg. Não era assim que estava escrito; nós tínhamos proposto outra data e outro caminho, mas assim teve de se por eu baixar a uma casa de saúde. Ainda era noite quando um amigo nos foi buscar ao hotel para o avião. A hora da partida era cedo. Em África a vida começa assim. Se lição dos passarinhos, se cuidados do trabalho, se condições do clima, ou se por tudo junto; o que eu sei dizer é que lá não é como cá. O sol não apanha ninguém na cama. Tínhamos chegado ao Aeroporto. Outros carros com outra gente iam chegando; amigos e conhecidos que se iam despedir. Depois das formalidades do estilo, subimos. A hospedeira fechou a porta. Os motores começam. Num instante estávamos sobre a cidade, entramos no mar por algum tempo e depois foi terra até Leopoldville. Iamos à cunha. Várias línguas. À hora veio um cestinho fornecido por uma confeitaria de Luanda. Era o café. Muito de tudo e tudo muito bom. Depois deste, a hospedeira tal como entre Porto e Lisboa, entrega-me um envelope cheio de dinheiro, declarando ser da tripulação! É o tempo da oração da manhã. Puxei das minhas contas. Li um bocadinho. Fechei os olhos e deixei-me estar. Com o tempo, boa vontade e a graça, consegue-se o hábito de meditar.

Estávamos a uma hora de Luanda e era meio caminho. Iamos a mil e quinhentos metros de altura. Em baixo nada de especial. Não há culturas. Não há montanhas. Não vi grandes florestas. Já e logo um rio atravessa

Extensas linhas brancas, são estradas de África, sendo à beira delas uma ou outra casa, que de cima se enchem. É terra parva. São assim

os quilómetros, muitos quilómetros até que começamos a ver povoações e caminhos de ferro e um maior número de estradas e um rio que parece o mar e uma cidade muito espalhada e um bairro indígena que é outra cidade. Avião desce. É Leopoldville. Estamos no Congo Belga.

Tínham telegrafado de Luanda e estavam à nossa espera. Um português, ao ver-me na companhia de quem nos esperava, segreda-me ao ouvido que eu estava muito bem entregue. A este tempo, o Júlio tinha tomado os nossos documentos e aí vamos nós com os outros na bicha do costume, ouvir perguntas e dar respostas aos funcionários da Alfândega, da Saúde, da Emigração e do mais que por lá se topa. Acabamos. Fazia calor. Entramos no bar e pedimos coisas. Um bando de gente atravessa. Várias línguas. Raças, traços, cores. Automóveis de toda a ordem trazem e levam passageiros. Dentro, no aeroporto, roncavam aviões. De entre aquela multidão há um braço que se levanta e uma voz que exclama: olha o Padre que pregou em Fátima. Era um homem que se aproxima e conta maravilhas a mim, maravilhado do mundo ser tão pequeno; e parece grande!

Aí vem o carro do senhor em casa de quem havíamos de ficar; ele mesmo o conduz. Pelo caminho vai dizendo qualquer ponto mais estranho, edifícios mais notáveis, rua, largo ou jardim. O senhor nosso amigo mostra ser também um bom informador. Chegamos a sua casa. Era meio dia. Naquela cidade, a estas horas, toda a gente está à mesa, porque às duas, o trabalho recomeça. Ninguém se descuida. Não se perde tempo. A canseira de cada um faz de relógio.

(Continua)

VENDA DO JORNAL

«Foi na passada quinzena outra linda venda de amor! Pois todos os snrs. se dirigiam a nós perguntando se trazia a chegada do nosso Pai Américo; pois trazia sim senhor e foi por causa disso que nós tivemos outra venda ótima. Assim havia de ser sempre. Agora esta quinzena passada vendeu-se muito; e se for preciso para esta, não se vende nada. Ora isto não está certo. Os snrs. acompanhem este nosso jornal, que talvez assim andem mais tranquilos. Nunca esqueçam o jornal o «Gaiato». — Pois a sua leitura já tem convertido muitos pagãos.

Esta viagem do nosso Pai Américo a África-Moçambique, Angola, Luabo, Lourenço Marques, — tem dado muito que falar na boca dos portugueses. E o que é que ele foi fazer? Arranjar boas colocações isto é, empregos. Eles, lá, estão à espera de nós. Nós somos os homens de amanhã.

A nossa obra ainda não estará bem compreendida? Pois nós achamos que sim. E temos a certeza com estas pequenas crónicas, a não esquecerão, pois se nós vendedores vamos todas as quinzenas levar o «Gaiato» por essas terras fora, é sinal de que o não esqueceremos.

Hélio»

— O Hélio é um vaidoso. É mesmo um grande vaidoso. Mal chega da venda e isto todas as quinzenas, procura-me aonde eu estiver para dizer que todos os seus fregueses o gabam muito pelo bem que ele escreve; tu há-de ser um escritor muito acima do Padre Américo. Eis a formiga a tossir!

— O Carlos Inácio deu em descobrir novas terras. Ele é um descobridor. Agora foi Viseu, mas teve pouca sorte. O vendedor vol-

tou e disse; aquilo não dá nada! Carlos Inácio não desanima e manda outro; um natural da terra. Nós temos deles de Viseu. Pois nada. Aconteceu-lhe na mesma e Carlos Inácio desistiu. Agora é Águeda. Uma vez sacudida a poeira das sandálias às portas daquela cidade, procurou-se por outro lado.

É a Vila de Águeda. Risonho é quem lá vai. Tem-lhe corrido bem. Diz ele que o sr. abade avisa no altar e fora da igreja é um varrer. Anda actualmente o Risonho a organizar as horas para chegar a tempo a acaçar as missas todas, segundo esta sua expressão sem par.

— CONTINUAÇÃO DA PÁG. ANTERIOR —

nimo-nos e tratamos da vida dos que são hoje nossos. Da nossa, não. Nós não nos podemos considerar. Somos nada. É preciso até perder a vida para ganhar a vida, no conceito forte do Evangelho. Pois nós reunimo-nos, sim. Somos quatro. Os quatro grandes para falar à moda do tempo. Invocamos o Espírito Santo em primeiro lugar. Falamos a seguir dos nossos rapazes; se tristes, se alegres, se animados, se prometedores, se adiantados, se continuamos. Primeiro eles. Nós somos deles. Eles são o nosso quinhão. Depois vêm os pobres. O seu estado. As suas melhoras. O andamento das casas do «Património». Os pobres também são nossos. Por último vem a questão de fundos. As despesas e os dinheiros e aqui quase sempre ralhamos. O meu colega de Coimbra diz que tem pouco. O de Lisboa fala da mesma sorte e diz que eu no Porto apanho tudo e que a eles dou quase nada. Eu gosto deste ralhar. Eu aprecio imensamente. É sinal de que as contas dão certo. São muito mais as despesas do que o dinheiro em caixa. Estamos assim sujeitos ao perigo de não termos que pôr na mesa no dia seguinte. Este receio é humano e é preciso e é salutar; porquanto, ao vir inesperadamente aquilo que necessitamos, há um frémido dentro de nós. Um rasgo de certeza. Um aumento de fé que nos leva quase à visão. Não é preciso ver nem apalpar as chagas. Assim como Tomé, também nós, ajoelhados, exclamamos: *Dominus meus et Deus meus!* É este o nosso hino permanente de vitória.

Entramos pelas portas de Luanda e devemos prosseguir. Se nos dão muito, agradecemos. Se pouco, agradecemos. Se nada, também. Não é de maneira nenhuma no receber que reside a nossa força; é, antes, no pregar. É no pregar, sim, porque enquanto o fazemos, damos. Com esta doutrina tão bárbara que até parece impertinente, temos operado o milagre de fazer entrar camelos pelo fundo de agulhas. Hoje, em Portugal, já há ricos que querem dar; que sentem a obrigação de dar. E somos, nós pregando, que assim dispomos os homens; e a Graça vem depois.

Se muito, se pouco, se nada, — não importa. O que é preciso é revelar o Reino de Deus e a sua justiça.

É preciso haver no mundo quem tenha pena, quem use de misericórdia para com os chamados ricos do século; quem os tire dos seus enganos, para que também eles sejam de Cristo e se sentem à mesa do Pai Celeste, na Eternidade.

Eis o cântico novo. O hino intencional e permanente de vitória.

PELAS CASAS DO GAIATO

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Como toda a gente sabe, o Acácio está empregado na Pérola da Guiné. Ora acontece que também ele é natural da Guiné, dizendo perfeitamente a letra com a careta. Eu costumava perguntar dos novos empregos aos novos empregados. Ontem chamei o Acácio. Que sim; temos lá muitas bolachas. Que sim, outra vez; também temos lá muitos bolos de muitas qualidades. E instado por mim, declara que não senhor. Nem bolachas nem bolos. De vex em quando vou os figos, disse. De donde eu deduzo que o Acácio já se fartou de bolachas e já se fartou de bolos e agora anda-se a fartar de figos. Os senhores da Pérola acautelem-se mas é...!

*** Manel do Embrulho fez anos e andou todo o santo dia atrás de mim a pedir por uma caneta. Não lhe dei. Não lhe dou. Ele iria logo ver como aquilo é lá por dentro. Mas o Manel do Embrulho não desarma facilmente. Hoje vem-me servir o chá. Pão e açúcar e tira dum frasquinho cascas de laranja doce que vai colocando sobre fatias de pão. E mais chá e mais açúcar e mais laranja e mais fatias de pão e muitas falas meiguinhas e no fim vem o pedido: *deixe-me cortar o cabelo à homem.* E eu não deixo. Se o fizesse, atrás do Manel do Embrulho vinha mais uma dúzia deles e era uma grande embrulhada.

MIRANDA DO CORVO No dia 2 deste mês demos um passeio com o fim de fazermos um magusto. Partimos no fim do almoço com as castanhas e o vinho. Chegamos a um sítio aonde se pudessem assar as castanhas logo se juntou um monte de caruma e se acendeu. No fim de assadas foram distribuídas com o vinho. Foi um fartote de castanhas. Depois regressamos muito alegres e contentes pois passamos bem essa tarde de paródia. Também no dia seguinte assistimos às cerimónias dos fiéis defuntos e cantamos a missa de requiem na igreja paroquial.

Caros leitores venho por meio deste jornal pedir-vos algumas coisas necessitadas. É o inverno. É a necessidade de meias, roupas, sapatos e sapatilhas para remediar os dias de maior frio. A necessidade é grande e tanto é para nós como para os nossos pobres que já se queixam e alguns são tão velhinhos que até mete dó. Por isso não vos esqueçais de nós e dos nossos pobres pois também já há muito tempo que não recebemos donativos para a nossa Conferência. Também necessitamos de objectos escolares e em especial canetas. Cá esperamos o vosso precioso auxílio ficando desde já gravado um muito obrigado.

CARLOS MANUEL TRINDADE (Sardinha)

PACO DE SOUSA No passado dia 2 deste mês, dia dos fiéis defuntos, alguns dos nossos rapazes foram enfeitar as campas daqueles nossos irmãos que já dormem à sombra da cruz.

Eu vi com os meus olhos, alguns rapazes dos mais pequenos a desfolharem aquelas flores brancas, próprias deste dia, sobre a última morada dos nossos que já dormem eternamente. Outros depois de terem pedido ou comprado velas acendiam-nas nas campas. No dia seguinte foi celebrada a santa Missa em memória de todos os fiéis defuntos.

No domingo passado, realizou-se um encontro de futebol entre a nossa equipa e a de Guilhufe, uma freguesia das redondezas. O desafio decorreu sem incidentes de espécie alguma, uma das notas principais deste jogo. A seguir vem o volumoso resultado de 19-0 a nosso favor. Tal era a categoria da equipa que nos visitou...

Há dias fui em companhia do Pai Américo e alguns companheiros, dar um passeio no nosso

Morris. Fomos até Amarante. Pelo caminho apreciamos as paisagens que se nos iam deparando aos nossos olhos. Como eu gostaria de conhecer Portugal!

O Pai Américo, por onde iamos passando incitava-nos a apreciar as belezas do Criador. Serres e vales. Vinhas e campos. «As terras de Portugal são lindas como os amores».

Manuel Pinto

COIMBRA No dia de Todos-os-Santos, fomos dar um passeio à linda Mata de Vale de Canas, que fica junto desta cidade. Nós fomos com o fim de fazermos um magusto e um desafio de futebol entre nós. Pois a bola não podia deixar de nos acompanhar.

Chegamos muito moídos das pernas, mas mesmo assim não deixamos de fazer o referido desafio. Mas quando andávamos na melhor parte da luta, chegou um homem, o qual trata de um lindo jardim que ali se distingue, andávamos a jogar no citado jardim e fomos corridos dali para fora. O Senhor Padre Horácio e mais alguns rapazes estavam já a assar as castanhas, quando terminou o desafio que ficou em 2-0. Depois andamos à procura do Senhor Padre Horácio e dos outros rapazes e estávamos a ver que não comíamos as castanhas. Fartamo-nos de assobiar e não havia maneira de darmos com eles. Mas a determinada altura, lá o conseguimos. Quando chegamos já as castanhas estavam assadas; foi só comer e beber; não faltou o garrafão de 5 litros ao nosso lado. No fim de tudo, regressamos enfiados de castanhas, cada vez mais cansados e assim passamos um belo dia.

Um Pedido: Temos cá uma grafonola que veio de Lisboa, mas não temos discos. Agradecemos que alguém nos envie discos, velhos que sejam, nós aceitamos tudo e caso os tenham e queiram enviar-nos, enviem para Lar do Gaiato — Cumeada — Coimbra; se assim fosse era para nós uma surpresa. O Natal está próximo e nós estamos a precisar de umas roupinhas, porque ganhamos pouco e nosso dinheiro não chega para tudo. Lembrem-se também de mandar uns livrinhos para a nossa Biblioteca, pois uma Biblioteca sem livros, como a nossa, não presta para nada. Desde já agradecemos estes pedidos e cá os esperamos.

Manuel dos Santos Machado